

MEMORIAL REFLEXIVO: PAIXÕES REVISITADAS

FELDMANN, Marina Graziela *

RESUMO

O artigo trata de memorial reflexivo sobre a minha trajetória pessoal e profissional articulada à existência dos 40 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Na primeira parte relato a minha aproximação com a questão da educação e o início da travessia enquanto aluna e professora. A segunda trata sobre o caminho percorrido para aprender o que é ser professora. A terceira aborda como me constitui docente, pesquisadora e gestora. A quarta explicito o encontro entre duas paixões que revisito nesse momento: o próprio Programa Currículo e o significado em minha vida da questão formação de professores. Finalizo considerando as marcas que carrego comigo geradas no interior do Programa: a busca incessante da educação como processo de humanização, o compromisso político e social da transformação, o prazer pelo conhecimento e a amorosidade entre as pessoas que habitaram e habitam esse importante espaço que muito contribuiu para a consolidação da pós-graduação em educação no Brasil.

Palavras-chave: Memorial. Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Pesquisa. Gestão e formação de professores.

* Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Atualmente é professor titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Atua como docente na Linha de Pesquisa Formação de Educadores no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. E-mail: feldmnn@uol.com.br

REFLEXIVE MEMORIAL: REVISITED PASSIONS

FELDMANN, Marina Graziela*

ABSTRACT

This article deals with my reflective memorial about my personal and professional life hinged on the existence of the Curriculum program: Graduate Studies in Education. On the first part I report my approach to the issue of education and the beginning of my journey as a teacher student. The second part deals with the path to learn the way to be a teacher. The third part addresses how I became a teacher, a researcher and a manager. The fourth part explicit the encounter between two passions that I am revisiting now: The Curriculum program itself and the meaning for my life about the training teacher program. I finish considering the marks that I carry with me generated inside this program: the incessant pursue of education as a humanization process, the political and social commitment of transformation, the pleasure for knowledge and the loveliness among people that had lived and live this important space that has given an intense contribution to the consolidation of graduate education in Brazil.

Keywords: *Memorial. Education Post graduation Program Curriculum. Research. Management and training of teachers.*

* PhD in Education: Curriculum from the Catholic University of São Paulo - PUC/SP. He is currently Professor of the Department of Foundations of Education at the Pontifical Catholic University of São Paulo - PUC/SP. Acts as lecturer at Educators Research Field Training Program in Graduate Education: Curriculum. E-mail: feldmnn@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

Escrever a memória dos fatos ocorridos, experiências profissionais é sempre uma tarefa complexa, árdua e instigante. Requer o ato de entrar e sair de coisas passadas numa relação contraditória constante: quanto mais se afasta do objeto investigado mais se observa com nitidez as cores, as formas e o movimento do acontecido. Este momento se coloca como especial no sentido de rememorar de uma forma mais sistemática caminhos percorridos, utopias perseguidas, enfim encontros e desencontros.

Comemorar os 40 anos de existência do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo é também comemorar a minha trajetória profissional à medida que ambos se inter cruzam. Me constitui docente pesquisadora sendo aluna e professora de Currículo, terminei o curso de Pedagogia na PUCSP em 1971. Em 1972 fui contratada como professora auxiliar de ensino para ministrar aulas para o curso de Pedagogia e do Plano Geral de Licenciatura. Pertenci a primeira turma de mestrado e de doutorado, quando à época o Programa denominava-se Supervisão e Currículo. Fui vice-diretora da Faculdade de Educação durante o período de 1996-2000, Diretora da Faculdade de Educação 2000-2008 e Pró-Reitora de Graduação de 2008-2012. Há 16 anos integro o corpo docente na linha de pesquisa Formação de Educadores e, no processo dessa comemoração assumi em agosto de 2015 a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Lembranças permeadas de alegrias e lutas pelo prazer do conhecimento. Fragmentos recolhidos da minha existência ao viver 40 anos no Programa.

Relatar as experiências vividas traz em si a memória dos fatos e significados que ao serem explicitados, quase sempre apontam para outras interpretações, outras possibilidades. Contar as minhas vivências no decorrer desse processo me levou a trilhar o mesmo percurso, mas com régua e compasso diferentes, já que vivo hoje outro tempo. Na busca da objetividade desse relato deparo-me com a minha subjetividade e sua capacidade própria em contornar caminhos, reinterpretar o acontecido, possibilitando novos significados à experiência vivida.

2 A ORIGEM

Minha primeira aproximação com o trabalho educacional se deu quando eu fazia o curso científico em uma escola pública estadual no bairro do Bom Retiro. Alguns professores e alunos situavam que se fazia necessário ajudar as pessoas carentes da comunidade, que abrangia também os bairros de Barra Funda, Santa Cecília e Campos Elíseos. Coleta de alimentos, remédios e alguns tipos de assistência educacional foram programadas para se levar às crianças pobres da população que moravam geralmente em casa conhecidas como cortiços. Datam daí os meus primeiros passos como professora ao tentar sem nenhum preparo alfabetizar ou “dar” reforço em determinadas disciplinas escolares para estas crianças.

Tornava-se claro para mim o fato de que a realidade que me cercava se apresentava com profundas desigualdades sociais e educacionais.

Acredito que essa experiência rápida e sem continuidade tenha direcionado minha vida profissional para a educação. No contexto recheado de voluntarismo, assistencialismo e caráter messiânico, acabei me comprometendo, embora de forma ingênua, com a necessidade de superação das desigualdades sociais e educacionais. A educação tomou para mim a representação de régua e compasso diante do mundo.

A utopia da transformação começava a ser construída.

3 INÍCIO DE UMA TRAVESSIA

Por não ter cursado a Escola Normal, acreditei que se fazia necessário para suprir a minha formação fazer o cursinho para Pedagogia do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na rua Martim Francisco. Lá convivi com alunos e professores altamente politizados, onde mais se discutia as condições políticas e sociais do país do que propriamente o estudo do conteúdo das disciplinas necessárias ao vestibular. Algumas pessoas dessa época foram presas e outras assassinadas como a professora de psicologia Iara Iavelberg, que me encantava por sua inteligência e elegância. Mais do que preparação para a faculdade, o cursinho se constituiu em mediação para o meu ingresso em atividades político-estudantis e entrar no mundo da literatura, do teatro, do cinema, da música popular brasileira,

do Teatro de Arena, dos filmes do Cinema Novo Brasileiro, dos filmes de arte-Godard, Pasolini, Fellini etc.

Participando de uma passeata conheci aquele que se tornaria meu marido e com qual constituiria minha família e reproduziria vida. Em nossos encontros falávamos tanto de política e tão pouco sobre nós que seria mais acertada caracterizar aquela situação como assembleia estudantil do que propriamente namoro entre duas pessoas.

Em 1968 ingresso em Pedagogia na PUCSP, justamente no ano em que a Universidade iniciava seu ciclo de expansão e democratização de um ensino, até então destinado a uma minoria privilegiada. De 40 vagas para Pedagogia passa para 150, possibilitando assim o acesso a um número maior de pessoas ao mundo tão restrito e seletivo da educação superior da época. O ano de 68 foi vivido com grandes tensões em nível nacional e internacional. Fatos se faziam presentes: guerra do Vietnã, movimento estudantil francês, excedentes no Brasil, reforma universitária etc. A tomada da Universidade pelos alunos no segundo semestre deste ano interrompe o curso, e é instalada uma comissão paritária que monta um curso piloto integrado cujo objetivo foi o de refletir a realidade educacional a partir de um diagnóstico dos principais problemas. Foi também o sonho contra todas as formas de repressão e autoritarismo.

Os sentimentos de insatisfação e ódio contra as desigualdades sociais me fizeram muitas vezes enxergar o mundo de uma forma maniqueísta. Tudo e todos os problemas tinham sempre um culpado: a classe dominante brasileira aliada aos interesses do imperialismo norte-americano,

Dessa vivência, apesar da manipulação das consciências, as análises ideologizadas, ficou a certeza de que não bastam paradigmas importados ou criados sem ter em contrapartida uma profunda conexão com o real que se pretende modificar.

Começa a ter cores e formas a utopia da transformação. A representação da educação como possibilidade de libertação dos homens, e como algo a ser compartilhado por alunos e professores na busca de significado das coisas e das relações entre elas, passou a habitar a minha vida.

3.1 Aprendendo a ser professora

No último ano de graduação, quando cursava a Opção Sistema Escolar Brasileiro (as habilitações ainda não haviam sido implantadas), fui convidada pela professora Myrtes Alonso para ser monitora junto a Cadeira de Administração Escolar para os alunos do 3º ano de pedagogia e pelo professor Walter Esteves Garcia junto a Cadeira de Introdução à Educação para os alunos do 1º ano básico que a Universidade começava a implantar. Experiências muito valiosas. Muitas discussões, projetos, com trocas intensas propiciando cooperação e reciprocidade intelectual entre os professores e outros monitores. Iniciei-me assim em atividades de ensino com perspectivas profissionais. A utopia da transformação começava a ter cores mais fortes. Nessa época fui contratada também como auxiliar da comissão organizadora do vestibular unificado da PUCSP. Pude assim ter uma visão mais global dos problemas da Universidade.

Passava normalmente manhã, tarde e noite na PUC. Trabalhava e estudava. Vivia com intensidade esse momento. Havia desespero da ultimista em ocupar todos os espaços possíveis, de reconhecer de não encontrar-me preparada para desligar-me da mãe-universidade.

Dessa época ficaram vivas em minha memória as reuniões que frequentemente eram feitas no Pátio da Cruz do Prédio Velho. Talvez seja por isso que ainda vejo como o espaço mais bonito da PUC. Inspira reflexão, solidão, encontro com a natureza e um aconchego muito grande.

No ano seguinte de minha formatura fui contratada pela PUCSP como auxiliar de ensino para ministrar aulas de Administração Escolar e Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1º e 2º graus.

Começava a tornar-se centro de minhas preocupações a educação como um meio de transformação das estruturas políticas, econômicas e sociais. Fazia-se então prioritário a reconstrução do sistema escolar brasileiro. Acreditava que para uma prática comprometida a tarefa que se impunha era a construção de um sistema articulado e democrático de educação: articulado – ou seja, a montagem de uma estrutura escolar sem que houvesse a divisão em compartimentos estanques dificultando ou bloqueando, muitas vezes, o aprendizado escolar e

democrático – voltado aos interesses e necessidades concretas da população na perspectiva de uma escola menos elitista, seletiva e excludente.

A utopia tinha cores e agora nome: escola pública. Marca que a partir daí sempre esteve presente em minha trajetória profissional.

Como reverter o fato de a escola pública não conseguir exercer com competência a sua função social, isto é, a de educar os filhos da classe trabalhadora de modo que quando estes se integrassem à força produtiva da sociedade não fossem oprimidas e exploradas? A partir daí como resgatar a qualidade da escola pública? Como garantir a permanência desses alunos na escola? Que tipo de escola seria ideal? Expectativas, angústias, utopias que trilharam o meu caminho enquanto educadora.

A procura de diretrizes para o significado da disciplina que eu lecionava na graduação possibilitou-me o encontro de algumas respostas para minha trajetória profissional, embora muitas vezes as mesmas se desdobrassem em várias outras perguntas. Percebi que características como boa vontade e entusiasmo pela sala de aula não bastavam. Eu precisava realmente aprender a ser professora. Buscava fundamentação teórica. Percebia que o professor não se formava de uma só vez. Ele se formava no processo, no debate com a realidade fazendo-se sujeito com outros sujeitos.

Procurando subsídios teóricos para minha prática docente e também por exigência da vida acadêmica, ingresso no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação. Cursei Lógica do Conhecimento Científico (Prof. Leonidas Hegenberg), Metodologia do Trabalho Científico (Prof. Thomas Breen), nesta as aulas eram em inglês. Estatística Aplicada à Educação (Profa. Bernadete Gatti) e Psicologia do Desenvolvimento Humano (Profa. Abigail Mahoney). Com exceção da última disciplina, as outras se enquadravam mais dentro de uma linha caracterizada como positivista na Teoria do Conhecimento.

O ambiente encontrado não foi propício para respostas a algumas das minhas interrogações. Havia muita competição entre os alunos e os professores eram muito distantes. A preocupação central era com a mensuração quantitativa. Os projetos de pesquisa versavam quase sempre sobre construção de instrumentos de medidas de avaliar. Nos estudos havidos sobre o fazer pedagógico do professor quase sempre o debate se reduzia a sua instrumentalização técnica. Desconsiderava-se a dimensão política e social que envolvia sua prática. Quando é criado o Programa de Pós-Graduação em Supervisão e Currículo, vislumbro

=====

a possibilidade de transferência para o mesmo. Continuei buscando referências teóricas para a construção dos objetivos e linhas da disciplina Estrutura, onde não havia uma tradição consolidada como a filosofia da educação, a sociologia, a psicologia, a história da educação etc.

Ao resgatar o início do Mestrado em Psicologia da Educação conforme já relatei as experiências não foram gratificantes. Muitas delas apaguei da memória. Recordo apenas uma como situação prazerosa: o estudo e apresentação do meu trabalho final do curso na Cadeira de Psicologia do Desenvolvimento Humano. Denominava-se “*O Professor Pesquisador em Sala de Aula*”.

3.2 Aprendendo a ser professora pesquisadora no programa de pós-graduação em supervisão e currículo

Já no Programa de Pós-Graduação em Supervisão e Currículo a situação foi diferente. Muitas discussões, trocas recíprocas, novamente a sensação de professores e alunos vivendo a construção do conhecimento partilhado. A utopia da transformação revive novamente. Iniciou-se o processo de redemocratização política e social do país. Projeto da Lei da Anistia, a volta de Paulo Freire do exílio, os sindicatos e as associações reorganizando-se etc.

Lembro que o livro “Pedagogia do Oprimido” tornou-se contorno para muitos educadores estudarem a realidade. Leituras de Althusser, Bordieu, Passeron, Establet serviram de suporte à crítica da escola como aparelho ideológico do Estado. Era denunciado o caráter classista da educação burguesa a serviço exclusivo dos interesses do sistema capitalista. Mas a grande parte da produção de conhecimento da época continuava ainda embasada na concepção liberal de educação.

O tema da investigação do mestrado foi extraído das dificuldades decorrentes da análise do conteúdo trabalhado na disciplina Estrutura, caracterizadas pela carência de bibliografia especializada, pela indefinição de conceitos e princípios e pela falta de clareza das propostas contidas em documentos oficiais do então denominado ensino de 1º e 2º graus.

Busquei o significado da Integração Vertical (fusão da escola primária e ginásial) no ensino de 1º grau na escola pública paulista. O estudo se caracterizou na análise da estrutura do ensino de 1º grau, mais precisamente das dificuldades em se construir um sistema

articulado e democrático de educação, uma vez que o resgate histórico nos mostrou que a escola primária e a escola secundária constituíram-se em organizações paralelas com objetivos pedagógicos diferenciados, preenchendo funções sociais distintas e endereçadas às classes sociais diferentes. Na verdade essa situação refletiu concepções dicotômicas de educação, a “escola para todos” e a “escola para alguns”, constituindo “escolas-tipos” e não “escolas graus”. A escola perpetuando a estratificação social.

Dessa forma a preocupação com a qualificação e a valorização da escola pública brasileira se configurou em meu primeiro grande desafio como pesquisadora. Os resultados da minha pesquisa evidenciaram o distanciamento existente entre reformas estruturais e curriculares, e a práxis cotidiana.

Posteriormente a dissertação foi transformada em livro e publicado pela Editora Vozes, como o nome de “Estrutura do Ensino de 1º grau: A Proposta e a Realidade”, passando a constituir bibliografia permanente dos Cursos de Pedagogia e Licenciatura da PUCSP e outras faculdades de educação. Foi a sétima dissertação a ser defendida e o primeiro livro publicado por um mestre do Programa.

No ano de 1984, nasce meu terceiro filho, Rafael. Diferença significativa em relação à idade dos irmãos, Daniel na época com 8 e Anna Flávia com 6. Fralda, choro, amamentação. Recomeçar tudo de novo. Tornam-se novamente presentes as difíceis circunstâncias de conciliar a dimensão mãe e a dimensão professora.

Interrompo minhas atividades docentes em outras instituições, concentrando, a partir daí toda minha vida profissional na PUC. Decisão que veio reforçar um projeto mais ou menos esboçado anteriormente. Na verdade, a PUC sempre representou o meu grande vínculo profissional. Identificação, amor, empatia, paixão?

Neste resgate, ao olhar minha travessia, percebo o quanto fui formada e o quanto formei pessoas em torno de uma identidade puquiana. Fui aluna de Pedagogia. Fui monitora. Fui professora da Graduação e hoje da Pós-Graduação em Educação: Currículo. Fiz Mestrado e Doutorado em Currículo. Fui gestora por 18 anos ininterruptos: vice-diretora e duas vezes diretora da Faculdade de Educação, Pró-Reitora de Graduação e ao escrever essas linhas preparo-me para assumir a coordenação deste Programa.

Aprendi e aprendo a ser professora/pesquisadora/gestora vivendo intensamente as belezas e as tristezas da Instituição.

=====

Sempre me enxerguei como uma professora que investiga a sua própria prática docente e, ao fazê-la tento situa-la dentro de uma prática social mais ampla. Quando me dirigi ao Mestrado e Doutorado não fiz investigações definidas ou criadas para satisfazer normas acadêmicas. Nem foram interrogações surgidas a partir de estudos sistemáticos sobre teorias da educação. Nasceram das angústias e perplexidades encontradas em sala de aula.

No projeto de Doutorado, permanece a utopia da transformação, mas então com contornos mais delineados: a construção do sistema escolar, escola pública e alunos-trabalhadores.

Na disciplina que eu ministrava na graduação, sempre elaborei análises e reflexões que privilegiavam abordagens macro educacionais, isto é, que estudavam as relações Estado, Escola e Sociedade. Comecei a perceber que o dia-a-dia da escola com a sua rotina e principalmente o aluno com toda a sua subjetividade nesse quadro, quase sempre se apresentava como relativamente “desconhecido” deixando um vazio em minha formação.

Esta inquietação deu sentido ao meu projeto de pesquisa, que na sua versão inicial tinha como título: “A Busca da Identidade do Ensino de 2º grau: A dimensão trabalho na escola Pública Paulista”.

Os cursos que frequentei e os seminários de pesquisa fertilizaram minha fundamentação teórica e me deram maior segurança nos “recortes” que se fizeram necessários nesse projeto.

Fiz dois cursos com o Professor Joel Martins: Pesquisa Qualitativa em Educação, Fenomenologia e Currículo. A imagem que eu guardava do Prof. Joel foi construída no curso de graduação. Adepto da linha behaviorista, autoritário, extremamente severo. Muito ligado ao aspecto quantitativo da avaliação. Frequentemente os alunos eram reprovados com a média 6,8 ou 6,7 ... Dizia ele: “Pedagogo não sabe pensar”. Entretanto, extremamente competente. As suas aulas expositivas eram o ponto forte do curso. Os meus sentimentos eram um misto de admiração e medo. Passados muitos anos, o reencontro no Doutorado. Linha fenomenológica, pessoa calma, receptiva, aberta ao diálogo, muito preocupado com o “ser” do aluno e do professor. Entusiasma-se com o meu projeto. Vários encontros. Intensifica-se a admiração. Desaparece o medo. Orienta-me nas primeiras incursões na pesquisa qualitativa, ajuda-me a vê-la como possibilidade metodológica na abordagem da minha interrogação. Embora não tenha adotado a linha fenomenológica no meu estudo, reconheço que em nossas

reuniões a essência não foi a descrição dos passos da pesquisa qualitativa e sim aula de epistemologia do conhecimento. Saudades professor Joel.

Nesse caminhar, cada recorte feito diminuía a amplitude do projeto e alargava sua complexidade.

A preocupação nuclear da pesquisa passou então a ser a compreensão do valor formativo do ensino de 2º grau, tomando como referência as experiências de vida do aluno trabalhador da escola pública paulista. Valor formativo que foi entendido como a possibilidade que a escola deveria propiciar ao aluno de compreender o mundo do trabalho e suas respectivas mediações, assim como a formação de sua consciência social e política.

Na construção do conhecimento sobre o objeto investigado, não me interessava naquele momento, ouvir as “vozes” dos professores, especialistas, órgãos e mesmos autoridades do sistema, mas sim conhecer as representações dos alunos. Conhecer o que os alunos pensavam, sentiam, os seus valores pessoais, os seus gostos, suas expectativas em relação à escola e ao mundo de trabalho.

O primeiro passo foi viver e conviver durante aproximadamente um ano numa escola pública paulista, onde realizei entrevistas individuais com os alunos a partir de três dimensões do cotidiano escolar: o conhecimento, as relações sociais e afetivas e as relações entre as experiências vivenciadas na escola e no trabalho.

A tese foi composta em dois momentos: o primeiro onde foi feito um resgate histórico do significado do trabalho na vida humana e na sua relação com a educação. O segundo, com a análise dos discursos dos alunos, onde algumas marcas se tornavam representativas norteando a interpretação das representações dos alunos.

Pela primeira vez aventurei-me no estudo da subjetividade. Talvez, o trabalho realizado nem possa ser caracterizado com esse nome. Mas sim, a tentativa de compreender esse sujeito histórico, de cidadania usurpada que representava a quase totalidade da escola pública: o aluno-trabalhador, ou melhor, o trabalhador-aluno.

De muita valia para essa questão foi ter pertencido no Doutorado, ao grupo coordenado pela Profa. Ivani Fazenda. Frequentei três cursos: Interdisciplinaridade e Prática Pedagógica, Interdisciplinaridade e Currículo e Interdisciplinaridade e Linguagem. Discutíamos as questões teóricas da Interdisciplinaridade, ao mesmo tempo em que as pessoas se dispunham a falar das suas próprias práticas. Havia muita confusão com relação a esse

conceito. Palavra difícil a ser pronunciada, complexa de ser entendida. Irreal para alguns, utópica para outros.

Dessa época ficou a certeza de que mais importante do que a formulação do conceito é a criação da atitude interdisciplinar que se vivencia na busca do conhecimento integrado, e se opõe à multiplicidade desordenada das especializações, para resistir a fragmentação do saber.

No relato das práticas pessoais, ficou também a verdade que é preciso ter coragem de experimentar o novo, trocar, assumir-se com todos os seus limites, aceitar o pensar do outro, e ter como diretriz a recuperação da totalidade do ato de conhecer. Lembro-me da Profa. Ivani: “Esse processo exige a passagem da subjetividade para a intersubjetividade”.

Como produto desses encontros surge o livro: “*Práticas Interdisciplinares na Escola*”, lançado em 1991 pela Cortez Editora, coordenado pela Profa. Ivani, no qual escrevi um artigo sobre a minha experiência docente à época na PUC, com o título de: “*A possibilidade de vivenciar a interdisciplinaridade: estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2º graus – a “mal-dita” do curso de Pedagogia*”. Este livro está hoje em sua 15ª edição, e neste ano de 2015 teve sua versão na Espanha.

Esse artigo situava que a “mal-dição” começava no próprio nome da disciplina. Ele vinha carregado de um sentimento normativo, disciplinador e até autoritário, estabelecendo, “a priori” uma relação de linearidade, acrítica entre o que era (estrutura) e como deveria ser feito (funcionamento). Relato o trajeto da construção do significado da disciplina desde o início da minha vida docente quando a confundia com legislação e como passei a trabalhá-la a partir de minha vivência no Programa.

Ressalto que ao buscar o conhecimento integrado na configuração e análise do sistema escolar brasileiro, a disciplina se apresentou como possibilidade de utilização de subsídios teóricos construídos em outras ciências pedagógicas, a fim de que o aluno pudesse compreender e captar o significado real dos aspectos formais e estruturais. Nesse contexto os alunos montavam alternativas de ação, localizavam pontos estratégicos no espaço organizacional de escola, interpretavam ambiguidades de ordem legal, apontavam as contradições a fim de desencadear mudanças que fossem significativas na reconstrução do sistema escolar. Tornou-se nesse sentido muito importante integrar as experiências de vida dos alunos à sua percepção do real e ao conhecimento sistematizado, apresentando-se ao

educador como possibilidade de resistência na luta contínua pela e na transformação da estrutura escolar em conjunto com outras estruturas sociais.

Da vivência do Doutorado situo ainda, como extremamente relevante, a convivência com o grupo coordenado pela Profa. Myrtes Alonso em várias disciplinas cursadas e nas discussões e reflexões centradas na relação teoria e prática da escola de 1º e 2º graus pública, como eram denominadas então. Foram aproximadamente três anos de encontros semanais, cuja preocupação centrava-se nas perspectivas de reorganização da escola pública, onde foram desenvolvidos alguns projetos de pesquisa integrados. Fizeram-se presentes, além das políticas públicas de educação, leituras do estudo do cotidiano – Agnes Heller, Lefebvre etc., na tentativa de se compreender a singularidade de uma escola e a universalidade da questão.

Professora Myrtes Alonso – orientadora amiga e competente. Talvez se ela não tivesse me convidado para ser sua monitora, eu estaria em outro caminho. Profissional exigente, disciplinada, sempre pronta a cobrar meu retorno das análises teóricas para o mundo da objetividade.

A minha tese de doutorado foi finalizada com o título de “A Dimensão Trabalho na Escola de segundo Grau Paulista: Da História ao Cotidiano”. Utilizei a abordagem histórico-crítica e análise do discurso para compreender a concepção trabalho enquanto produção da existência humana e suas articulações com as representações sociais dos alunos em relação às contribuições e distanciamento na tríade: vida, trabalho e escola.

Vivi intensamente o período de doutorado, reuniões, troca entre os alunos, momentos prazerosos que marcaram significativamente esta minha experiência. Lembro-me de Maria Anita Viviani Martins, Anna Franchi, Maria de Lourdes Rocha, João Palma, Célia Haas, Regina Bochniak, Leide Mara Schmidt, Mariná Holzmann Ribas, com as quais travei estudos, reflexões importantes sobre teoria do conhecimento e certamente não faltaram muitas alegrias.

Como professores tive: Joel Martins, Marcos Tarciso Masetto, Alípio Casali, Antonio Chizzotti, os três últimos ministrando conjuntamente Epistemologia do Conhecimento, Myrtes Alonso, Yvone Khouri, Ana Saul, Ivani Fazenda e o privilégio de ser aluna em vários cursos de Paulo Freire. Não eram aulas no formato tradicional que conhecemos, eram encontros, rodas de conversa que tinham apenas o horário de começar e não de terminar. Momentos inesquecíveis de reflexão, conhecimento, de amorosidade, de saber, sabor. Minha

=====

referência como educadora no qual busco intensamente forças, iluminação e coragem para viver permanentemente as dificuldades e perplexidades em ser professora, pesquisadora e gestora.

Da tese originaram-se duas publicações, a primeira, em 1999, configurou-se no capítulo: “Escola Pública - Representações, desafios e perspectivas”, do livro “O Trabalho Docente Teoria e Prática” organizado por Myrtes Alonso e Ana Gracinda Queluz, da editora Pioneira; a segunda: “Questões Contemporâneas: Mundo do Trabalho e Democratização do Conhecimento”, compondo o livro “Políticas Educacionais – O Ensino Nacional em Questão”, organizado por Antonio Joaquim Severino e Ivani Fazenda, da Editora Papirus, em 2003. Para reconstruir a ANPAE/SP - Associação Nacional de Política e Administração da Educação, no sentido de sua importância no cenário nacional e de sua expansão em relação ao número de associados, assumo a vice-presidência para o biênio 96-98.

Como primeira tarefa integro a comissão organizadora para a concepção e realização do 1º Seminário ANPAE/SUDESTE-SP, denominada “O Estado do Conhecimento em Administração e Política da Educação”, que se realizou em Piracicaba nos dias 8 e 9 de novembro de 1996.

Observa-se um esforço coletivo dos diretores e colaboradores da ANPAE/SP, no sentido de ampliar as reflexões e conseqüentemente discussões relativas aos problemas das políticas públicas de administração da educação, mas entendo que pouco se avançou nesse campo de estudo, tendo como foco a escola.

Tomando a questão nesse âmbito naquela década, percebi que os estudos de administração educacional não chegaram à direção da unidade e do sistema escolar, de modo a provocar alterações significativas na forma de conceber e concretizar a gestão escolar.

Entendo também que apesar de termos tido avanços significativos na reconstrução da ANPAE-SP, a entidade ainda se apresentava mais como promotora de eventos do que realmente uma entidade formuladora e participante crítica na definição das políticas públicas de educação.

Com o término de meu trabalho como vice-presidente da associação, foi lançado em fins de 97 o livro: “Administração Escolar e Política de Educação”, pela editora UNIMEP, que organizei juntamente com outras duas professoras: Rinalva Cassiano e Fátima Cunha Ferreira Pinto.

Após a defesa da minha tese de doutorado, passei a integrar no Programa de Currículo, o grupo de pesquisa da Profa. Myrtes Alonso, e com uma equipe de professores e doutorandos realizamos uma pesquisa denominada Experiências Inovadoras/Exitosas em Gestão na Região de São Paulo, a qual durou o ano de 96 e o 1º semestre de 97.

Esta pesquisa referia-se ao projeto 2 dentro de um Programa de Pesquisa, denominado Políticas de Gestão da Educação no Brasil promovido pela ANPAE/INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. O projeto 1 versava sobre a atuação da Administração da Educação no Brasil, produção de Pesquisas sobre Administração da Educação e Escolha de Dirigentes Escolares no Brasil.

Na divisão de tarefas para realização dessa pesquisa integrada, a coordenação do projeto 2, em nível do Estado de São Paulo ficou sob minha coordenação enquanto que a coordenação da região Sudeste ficou a cargo da Professora Myrtes Alonso.

O projeto 2, nível São Paulo tinha como objetivo principal delinear um panorama de situações da Gestão no Estado de São Paulo, pretendendo-se também nesse processo: mapear experiências inovadoras/exitosas, identificar categorias de inovações/exitosas na área, formar um banco de dados sobre a questão e finalmente desvelar os entendimentos de gestão nos vários níveis de ensino.

Como resultado dessa pesquisa evidenciou-se que nas experiências analisadas que apresentaram uma forma diferente de gestão, possuíam as seguintes marcas:

- a) apoio e orientação em nível central para conceber a gestão de uma forma bastante ampla, ou seja, sem dissociar o pedagógico do administrativo-financeiro. Apresentavam a preocupação com a preparação não só dos diretores como a dos professores e supervisores para o exercício de uma direção efetivamente compartilhada;
- b) a autonomia conquistada pelas escolas só se concretizava quando havia aumento de responsabilidades dos sujeitos envolvidos, responsabilidades estas, que ultrapassavam a rotina escolar, articulando-se o mundo da escola com o mundo do trabalho e da vida social em geral;
- c) a autonomia da escola era mais facilmente construída quando além de orientações em nível central, a efetivação de propostas renovadoras fosse gerada a partir da própria realidade escolar;

=====

- d) revisão do trabalho docente em termos de tempo e espaço e de sua estreita ligação com o administrativo, não se subordinando a este, mas colocando-o sempre a serviço dos interesses e objetivos verdadeiramente educacionais;
- e) as tentativas de uma gestão inovadora na escola, mostravam, que a sua origem está quase sempre associada à presença de um diretor inconformado com o estado atual do ensino, desejoso de experimentar novas formas de agir, seguro de sua posição e aceito por seus pares. Revelavam o educador ousado, bem formado, atento às novas realidades sociais e sensível para enfrentar mudanças;
- f) não importava a forma como o diretor chegava ao cargo. Se foi conduzido por concurso e nomeação subsequente, ou por eleição direta de seus pares; importava isto sim para uma gestão diferenciada, que ele fosse aceito pela comunidade escolar, respeitado por seu trabalho e por sua dedicação e que soubesse extrair de seu grupo a força e o compromisso necessários à tarefa de educar.

3.3 Cargos de gestão: assumir riscos ao andar por novos atalhos com a marca do programa Educação: Currículo

No ano de 1997, assumi a vice-direção da Faculdade de Educação, esta recém-criada com a existência de apenas um ano.

Após relutar durante muitos anos, acabei aceitando este desafio. Talvez por gostar tanto da sala de aula, nunca quis ocupar outros espaços, e também por não me sentir em condições diante da complexidade e adversidades geralmente presentes em atividades de administração educacional.

Nos conteúdos disciplinares de Estrutura, sempre estiveram presentes estudos e análises sobre problemas de gestão em educação. Só que eu os olhava do lado de fora, teorizava, não havia a vivência. Estudava teoricamente o ser administrador. Neste conhecimento havia a racionalidade técnica, faltava a vivência.

Sempre tive sentimentos de medo misturados a um certo preconceito contra as funções administrativas. Na minha ótica o local “sagrado” era o pedagógico. Não compreendia o significado e a amplitude desta relação.

Um aspecto importante para eu aceitar esse risco, foi o fato de que grande parte do grupo que assumiu a liderança na Faculdade de Educação, referia-se a minha turma, a de 68. Inclusive eu, Profa. Maria Luiza Andreozzi da Costa, Profa. Noely Weffort de Almeida pertencíamos ao mesmo ano de entrada na graduação, mesma classe e mesmo grupo de estudos. Sempre compartilhamos valores e utopias. As duas referidas professoras também pertenceram à primeira turma de mestrado. A dissertação da Profa. Maria Luiza foi a primeira a ser defendida no Programa.

Algumas palavras passaram a habitar minha insônia: reformulação da Pedagogia, revisão da Licenciatura, Regimento, Estatuto, implantação de Núcleos de Pesquisa. Tudo a ser feito. Uma história a ser construída.

Olhando o passado, a sensação que tenho é de que sempre início percursos em fases de turbulências. Dificilmente entro em projetos consolidados. Fiz parte da última turma de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, que integrada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientae” passou a compor no ano de 1972, o Centro de Educação, quando início profissionalmente minha carreira docente. A primeira diretora do Centro foi a Profa. Myrtes Alonso, pessoa marcante em minha vida profissional. Fui sua monitora, auxiliar de ensino, orientanda de Mestrado e Doutorado. Fiz parte do seu grupo de pesquisa no Programa e também do grupo diretivo da ANPAE e após contratada como docente no ano de 2000 em Currículo, trabalhamos na Linha Formação de Educadores.

O meu início como professora na graduação coincidiu também com a implantação do Ciclo Básico na universidade. À época fui também monitora do Prof. Casemiro dos Reis Filho e Walter Esteves Garcia, na disciplina Introdução a Educação.

Dessa época destaco como positivo o sistema de monitoria de alunos, a discussão e a prática integrada do professor responsável e seus assistentes. Eram frequentes as aulas serem dadas por 2 ou 3 professores. Trabalhava-se muito em equipes e por equipes. Na realidade investia-se na formação de quadros para a universidade.

Nessa perspectiva nasce no Centro de Educação, a partir de um grupo de professores: Myrtes Alonso, Newton Cesar Balzan, Antonio Severino, Joel Martins, Wanda Pompeu Geribelo e outros, a proposta de um Programa de Pós-Graduação em Educação denominado Supervisão e Currículo.

=====

A sua criação na universidade representou e representa um espaço voltado às discussões educacionais visceralmente atreladas às questões sociais.

Foram à época meus professores: Myrtes Alonso, Wanda Geribelo, Newton Balzan, Lady Lina Traldi, Luis Eduardo Wanderley e Ana Maria Saul. Quando terminei o Mestrado, com o título poderia exercer a função de supervisora escolar, à medida que o curso versava sobre Supervisão. Nunca exerci tal possibilidade.

Do ano de 1995 até 1997, conjuntamente com o exercício de vice-diretora da Faculdade de Educação fui eleita para três vezes representações dentro da universidade: Representante docente no Conselho do Centro de Educação, representante docente categoria Assistente-Doutor no recém-criado Conselho Departamental da Faculdade de Educação e representante do centro de educação no Conselho de Administração e Finanças da universidade.

A leitura que faço hoje, acerca dessa minha disponibilidade para entrar nessa verdadeira “maratona pedagógica”, é que ela talvez tenha sido fruto da reclusão forçada, imposta pela concessão da bolsa de estudos, CNPq, que estabelecia que não poderia haver vínculo empregatício com a universidade. Assim, tive que me afastar totalmente das aulas, o que me colocou em situação ambígua. Fez nascer o tempo próprio para estudar e escrever a tese, ao mesmo tempo, que nessa dedicação integral, tive muitos sentimentos de tristeza e solidão.

Na elaboração da tese, existem algumas situações em que as dificuldades nos paralisam no processo. Então se faz presente a necessidade de se reconstituir o tempo e o espaço para reiniciar a caminhada. Nesses momentos senti muito a ausência da sala de aula, como contraponto na retomada desse processo. Faltava a energia viva da convivência com os alunos e outros professores.

Quando concluí a tese e reassumi as aulas, a percepção que eu tive, é que se havia passado muito tempo e que para recuperá-lo, eu deveria participar ativamente, habitando todos os espaços de decisão da universidade.

Apesar de ter sido muito cansativo viver essas três representações, significou uma experiência muito rica em minha vida.

Pude perceber que houve uma ampliação de horizontes no meu olhar para a docência. Observei com maior nitidez que a melhoria da qualidade da sala de aula, passa necessariamente por interesses e articulações tecidas em âmbito mais geral na universidade.

Participei de várias reuniões. Discussões intermináveis sem a objetividade necessária. Às vezes, reunia-se extraordinariamente sem saber por quê e para quê. A reunião tomada em si, tornava-se mais importante do que o objetivo da discussão.

Nesses colegiados, se dá o embate, a disputa entre o espaço pedagógico e administrativo, entre interesses acadêmicos e corporativos, onde se acirram as lutas de poder.

Com a preocupação constante de não me descolar daqueles que eu representava, aprendi a falar quando necessário e me calar quando se fazia útil. Consegui ajudar na aprovação de algumas ideias e projetos considerados importantes para o grupo de professores, perdi em outros.

Nesse contexto, coordenar grupos, envolver pessoas, articular e elaborar sínteses, foram as tarefas que habitaram a construção-reconstrução da minha identidade enquanto professora/pesquisadora e gestora.

A exclusividade da paixão pela sala de aula cedeu lugar para outros espaços de convivência, conhecimento e da existência do prazer de aprender.

Tensões e alegrias na administração dos conflitos, na provisoriedade da mudança e nas incertezas do caminhar.

O exercício de gestão, sempre me causou e ainda me causa medo. Mas é dentro desse sentimento que continuo a caminhar.

Acredito que o processo democrático de tomada de decisões, em qualquer âmbito, seja o mais sofrido e o mais demorado, mas certamente não existe nada melhor que o substitua.

Um aprendizado que trago na minha trajetória de docente/pesquisadora e gestora, se consubstancia na busca perene de saber ser crítica. Acredito que seja a possibilidade de situar-me dentro de uma turbulência de informações e de contra informações. Faz-se necessário definir e definir-se. É saber que mudar é trabalhar muitas vezes no caos, na provisoriedade e na fugacidade da informação. Construir o novo não prescinde mais de verdades prontas e acabadas, constituem-se em trabalhar conflitos, na mediação entre projetos, relações pessoais,

institucionais e de contextos na possibilidade de se germinar o saber no ato de ensinar e de aprender.

Tornei-me diretora da Faculdade de Educação por duas gestões 2000-2004 e 2004-2008, por eleição direta com alunos, professores e funcionários.

Exerci a época a coordenação da elaboração e da implantação da reforma curricular do curso de Pedagogia, desafio que se tornou presente tanto pelas exigências das demandas internas, como também pela aprovação em 2006 das Diretrizes Curriculares nacionais. Coordenei também a concepção e implementação do Programa Institucional de Formação de Professores da Educação Básica, na universidade, que articulou todas as licenciaturas oferecidas em torno de um projeto comum, e expressou uma concepção norteadora das atividades educativas, tendo como eixo de formação a pesquisa e a intervenção na escola brasileira. Como fruto dessa experiência, qual seja do processo de reforma curricular do curso de Pedagogia, há o relato de referência em tela na Revista e-Curriculum, volume 2, de 2011, expresso no artigo denominado: “Formando Pedagogos: Uma Arquitetura Curricular Diferenciada”. Esta arquitetura foi desenhada tendo em vista os seguintes pressupostos norteadores no processo de construção da reforma: o saber plural, a relatividade histórica e situada do conhecimento, a aproximação entre teoria e prática e a adoção de propostas interdisciplinares.

Nesse mesmo período, qual seja entre 2000 e 2004 coordenei institucionalmente o PEC – Programa de Formação Universitária – PECFU. A PUCSP em parceria institucional com duas universidades públicas – USP e UNESP possibilitou a formação em nível superior, de cerca de sete mil professores do ensino fundamental I, dos quais mil e setecentos pela PUCSP. Constitui-se num projeto inovador de formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental, onde foram organizados diferentes ambientes de aprendizagem combinando ações presenciais e a distância como teleconferências, vídeos conferências e atividades online numa plataforma de comunicação virtual, onde buscou-se a formação pedagógica mediada pela tecnologia.

Como resultado da análise dessa experiência em relação ao meu percurso formativo como pesquisadora, saliento como uma dimensão de aprendizagem significativa: o reconhecimento de espaços permanentes de diálogo, experimentação e renovação de práticas pedagógicas, e a criação de formas colaborativas no processo de ensinar e aprender com vistas às ações integradoras e coletivas entre os sujeitos envolvidos. Acrescento em minha análise

que o referido Programa só poderia ser considerado um dispositivo potencializador de mudanças institucionais e culturais da e na escola, se articulado à valorização social do professor com o enfrentamento na busca de melhorias na condição de trabalho, tais como salários, infraestrutura do contexto escolar, carreira do magistério etc.

Na repercussão desse trabalho como coordenadora institucional e pesquisadora, registro a publicação do livro “Educação e Mídias Interativas – Formando Professores”, por mim organizado em 2005, publicado pela Editora Educ.

4 PROGRAMA EDUCAÇÃO: CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PAIXÕES REVISITADAS

No ano de 2000, quando passo a integrar o corpo docente do Programa como pesquisadora na Linha de Formação de Educadores, formo o grupo de pesquisa Formação de Professores e Cotidiano Escolar, certificado pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, do qual sou líder até os dias de hoje.

A questão da formação docente sempre permeou e deu sentido à minha trajetória pessoal e profissional quer como finalidade, princípio, componente curricular, instrumento da luta e objeto de investigação constante.

Esse grupo de pesquisa foi constituído por pesquisadores e docentes da Graduação e Pós-Graduação, por alunos de mestrados e doutorados e por graduandos de Pedagogia que realizavam projetos de iniciação científica.

Duas dimensões foram tomadas como fundantes, norteadoras da constituição e da produção do grupo: a valorização da experiência docente como forma de conhecimento e a articulação entre os saberes da experiência e os fundamentos teóricos relacionados.

Pensar a formação de professores para o contexto escolar brasileiro tem exigido em meu percurso de pesquisadora o entendimento de que a questão não se situa num plano consensual, mostra-se necessário um esforço constante em problematizar os processos formativos, as relações pedagógicas e institucionais, as diferentes situações do processo de ensinar e de aprender vinculados ao desenho dos cenários políticos, sociais e culturais que envolvem tal questão. A delimitação que circunda minhas análises é perspectivada a partir do fazer docente diante das mudanças do mundo do trabalho, ancorado na reestruturação

econômica capitalista global e na reconfiguração do Estado em sua vinculação com a sociedade atual, imprimindo transformações nas políticas públicas, na gestão, nas práticas pedagógicas e curriculares cotidianas da instituição escola.

Nos discursos atuais a concepção de formação assume um sentido polissêmico, isto é, com vários sentidos e interpretações de acordo com referenciais teóricos que a embasa, posições ideológicas, e também usada como instrumento salvacionista, capaz de resolver todos os problemas da educação nacional.

Ter como referência os processos formativos é sempre pensar a formação do humano e, nessa perspectiva se vislumbra a possibilidade de mudanças em qualquer que seja o espaço de ação. Mudanças não tomadas como novidades, tão características de valor em nossas sociedades de consumo exacerbado, da descartabilidade de pessoas, de efemeridade dos fatos e dos projetos tendo como parâmetro único o “ter” e não o “ser”. As mudanças que busco estão revestidas do aprimoramento da condição humana, da liberdade do pensar, do direito às condições básicas inerentes às possibilidades de participação crítica e transformadora do mundo presente.

Entendo que na investigação sobre a formação docente torna-se inseparável de pesquisa sobre a escola, tomando-a como constitutiva do ser professor, à medida que sua identidade pessoal e profissional é também construída por uma série de significados e símbolos existentes no cotidiano escolar.

Pesquisar a formação de professores e o contexto escolar brasileiro é necessário enfrentar a complexidade, multirreferencialidade e incompletude que envolve tal tema. Mostra-se a necessidade de se problematizar os processos formativos, as relações educativas interinstitucionais, a interculturalidade e a diversidade curricular presentes em diferentes contextos, as situações de ensinar e de aprender, bem como analisar os cenários político e social que circundam a questão.

A formação docente constitui-se cada vez mais num campo de conhecimento que envolve explicações de diversos estatutos epistemológicos de várias ciências, exigindo esforços na busca das convergências necessárias para a compreensão do objeto interrogado, e sempre com marcas de ser uma tarefa inconclusa e perspectival. É sempre uma forma fractal de indagação, perpassada pelos nossos valores, concepções e ideologias.

Ressalto dentre várias repercussões produzidas pelo Grupo de Pesquisa a publicação pela Editora SENAC no ano de 2009, do livro “Formação de Professores e Escola na Contemporaneidade”. Foi composto por 13 capítulos, os quais integravam três eixos: 1. Educação e Crise de Paradigmas; 2. Políticas Públicas de Formação de Professores e 3. Escola, Currículo e Formação. No ano de 2010 foi premiado como a melhor obra na área por edital junto ao Programa Nacional de Biblioteca Escolar – PNBE e como consequência disponibilizado à todas as bibliotecas das escolas públicas da rede de educação básica brasileira.

Durante o período de 2008 a 2012 assumo a Pró-Reitoria de Graduação, instância na qual pude desenvolver várias ações no sentido de valorização das licenciaturas e Pedagogia com relação à adesão da PUCSP às políticas públicas de educação nacional, o que permitiu estudar e buscar articular o conhecimento acadêmico à realidade social da escola brasileira. Nesse sentido enfatizo quatro projetos: Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR); Programa Institucional de Bolsa à Iniciação à Docência (PIBID); Programa Institucional de Bolsa à Iniciação Científica (PIBIC-JR) e ampliação do Programa de Educação Tutorial (PET). Os referidos programas atuavam em três fontes: valorização do profissional de graduação (PARFOR e PIBID); valorização (ensino, pesquisa e extensão) da formação da graduação (PET) e aproximação do ensino superior ao ensino médio (PIBIC-JR).

Como socialização dessas ações enquanto gestora e pesquisadora publiquei um artigo denominado “Ensino de Graduação na PUCSP: Sentido Humanizador”, pela Editora Educ, em 2011, fazendo parte do livro “PUCSP - 65 anos de História, Tradição e Vanguardismo”.

Como fruto também desse período foi publicado o artigo denominado “Gestão Educativa: análise de uma experiência” na Revista Ensaio – Políticas Públicas de Avaliação, número 79 em 2013, onde relato a gestão que denominei como educativa, concepção essa buscada enquanto minha vivência na gestão institucional.

Em agosto de 2013 assumo a Vice Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, trabalhando em parceria com a Professora Branca Ponce. Em 2014 passo a integrar o Conselho Municipal de Educação da cidade de São Paulo, instância que tem como função assessorar o Executivo Municipal e sugerir medidas referentes à organização e

ao funcionamento da rede municipal de ensino. Em agosto de 2015 assumo a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo.

Desde o início de minha trajetória docente/pesquisadora no Programa tenho buscado permanentemente o conhecimento produzido entre a articulação entre a universidade e a escola brasileira. O que a academia tem produzido em termos de conhecimento, saberes, valores nos processos formativos de educadores para atuarem na escola pública brasileira? O que é formar professores para os grandes dilemas presentes em nosso tempo? Como desenvolver o compromisso político e social de docência? Questões que estão presentes em meu percurso.

A concepção de currículo que tem norteado meus estudos tem sido construída no entendimento de situá-la como “construção epistemológica e social do conhecimento, concretizada em espaços educativos e vivenciada em movimentos de tensão e luta pela ocupação territorial dos saberes. Nesses movimentos se mostram as delimitações dos significados dos campos de conhecimento, seus processos (discursos e métodos) e o sentido dos sentidos na vida das pessoas envolvidas.” (Feldmann, 2009).

Ressalto a importância de ter tido na Linha de Pesquisa como parceiros e interlocutores dois importantes educadores: Myrtes Alonso e Marcos Masetto que me acolheram e me orientaram nos primeiros passos de minha travessia. Reuniões, debates, estudos para que juntos pudéssemos construir e reconstruir a sua identidade e uma linha comum de atuação.

Em 2006 a Profa. Myrtes Alonso resolve aposentar-se da universidade. A professora Regina Lúcia Giffoni Luz de Brito passa então a integrar a nossa linha. Ela foi minha aluna na graduação e, à época que se tornou docente e coordenadora do curso de Pedagogia fui diretora da Faculdade de Educação. Muitos estudos, trabalhos conjuntos. Quantas parceiras prazerosas. Em 2009, a Profa. Neide de Aquino Noffs é credenciada para a Linha de Formação de Educadores.

Trabalhar com Ana Maria Saul, do qual fui aluna no Mestrado e Doutorado, Antonio Chizzotti, Marcos Tarciso Masetto, Isabel Franchi Cappelletti, Maria Candida Moraes, Alípio Casali, Regina Lúcia Giffoni Luz de Brito, Fernando José de Almeida, Maria Elizabeth de Almeida, Maria da Graça Moreira, Neide Noffs, Nádia Dumara Ruiz Silveira, Mario Sergio

Cortella e Branca Jurema Ponce tem se mostrado como possibilidades de enriquecimento pessoal e profissional.

Neste final de relato como professora/pesquisadora e gestora, sinto que entro em várias frentes de trabalho, algumas em decorrência do próprio espaço que ocupo e outras são situações que eu própria construo como forma de viver o entendimento que tenho da concepção de educação, ou seja, ordenar junto com outros a multidimensionalidade de uma ação que pretenda ser transformadora.

Não sei quando tenho conseguido realizar esse objetivo, mas não me sinto sozinha nessa travessia. Compartilho com pessoas que aqui convivem e conviveram, lutam, sofrem, pesquisam, dialogam, divergem, nem sempre com as melhores condições de enfrentamento, mas todos com a perspectiva de um mundo melhor.

A insatisfação que sinto diante dos problemas sociais e educacionais me impulsiona a querer aperfeiçoar o existente, a mudar, dialogar com outros sujeitos, conhecer de novo. Está sempre presente a incompletude de minha formação, a provisoriedade dos meus conhecimentos, a importância do trabalho coletivo, na busca de uma sociedade mais justa, solidária e incluyente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar essas últimas linhas, a questão inicial vem novamente à tona: construí coisas novas, sistematizei outras velhas ou continuo a viver minhas perplexidades e inquietudes na busca de que é ser professor no mundo de hoje? Não um mundo abstrato, mas um mundo-vivido, um mundo desenhado com minhas próprias mãos, mas na tela e nas cores do Programa em Educação: Currículo da PUCSP.

Na expectativa de finalizar esse relato cito quatro marcas que habitaram e habitam a minha travessia intercruzada com a existência do Programa, ou melhor, quatro tatuagens que carrego em meu ser:

- a) A busca incessante da educação como um processo de humanização;
- b) O compromisso político e social da transformação;

=====

- c) O prazer pelo conhecimento, revestido do significado plural, includente e emancipador;
- d) O sentido de colegialidade e amorosidade nas relações entre os sujeitos que habitaram e habitam esse espaço.

Sinto que ao contar um pouco da minha história de vida contei um pouco a história dos 40 anos de Currículo, palco preferido de minhas representações. Quando as cortinas se abrem, revivo minhas inquietudes, meus sonhos, alegrias e esperanças.

Ouçõ sempre a frase: “aquilo que é humano não me é indiferente”.

Digo: “aquilo que é PUCSP nunca me será indiferente”.

Assim ter sido aluna, funcionária, professora, vice-diretora, diretora da Faculdade de Educação, Pró-Reitora de Graduação, vice-coordenadora e agora coordenadora do Programa, na PUCSP, fez com que minha travessia fosse colorida com uma só tonalidade.

Se por um lado houve a estreiteza na estrada, tenho por outro, a certeza de ter vivido plenamente a minha escolha.

REFERÊNCIAS

FELDMANN, Marina Graziela. A possibilidade de vivenciar a interdisciplinaridade: estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2º graus – a “mal-dita” do curso de Pedagogia”. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991. p. 91-102.

FELDMANN, Marina Graziela; CASSIANO, Rinalva; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **Administração escolar e política de educação**. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1997.

FELDMANN, Marina Graziela (Org.). **Educação e mídias interativas: formando professores**. São Paulo: PUC-SP Educ, 2005.

FELDMANN, Marina Graziela. Ensino de graduação na PUCSP: sentido humanizador. In: **PUCSP - 65 anos de história, tradição e vanguardismo**. São Paulo: PUC-SP Educ, 2011. p. 40-49.

FELDMANN, Marina Graziela. Escola pública: representações, desafios e perspectivas. In: ALONSO, Myrtes. QUELUZ, Ana Gracinda. **O trabalho docente teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1993. p. 87-98.

FELDMANN, Marina Graziela (Org.). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Senac, 2009.

FELDMANN, Marina Graziela; ANDREOZZI, Maria Luiza. Gestão educativa: análise de uma experiência. **Revista Ensaio – Políticas Públicas de Avaliação**, Rio de Janeiro, n. 79, 2013, p. 239-252.

FELDMANN, Marina Graziela. Questões contemporâneas: mundo do trabalho e democratização do conhecimento. In: FAZENDA, Ivani; SEVERINO, Antônio Joaquim (Org.). **Políticas educacionais: o ensino nacional em questão**. Campinas: Editora Papirus, 2003. p. 127-151.

**Artigo recebido em 04/09/2015.
Aceito para publicação em 23/09/2015.**